

O raro exercício da alteridade na academia – homenagem a Fernando Prestes Motta

Tiago Corbisier Matheus

Conheci Fernando Motta por intermédio de um amigo comum. Ambos queriam montar um grupo de discussão sobre um livro de Enriquez e o convite à minha participação se dava na expectativa de que minha bagagem psicanalítica pudesse somar-se à deles no campo da cultura das organizações. Surpreendeu-me de imediato o desprendimento e a humildade deste renomado professor, que até então eu conhecera apenas por sua produção escrita, ao se dispor a dialogar com tão jovens interlocutores. A surpresa logo se confirmou, quando pude conhecer este curioso e desprendido leitor que acolhia minhas palavras com zelo e seriedade. Nesses encontros pairava uma atmosfera subversiva que acreditei inicialmente decorrer da descentração que a psicanálise permite em relação ao estudo das organizações. Mais tarde, porém, percebi que havia algo mais. A horizontalidade daquele espaço, possível a partir do desprendimento daquele que se recusava a ocupar um lugar de saber, era a principal responsável pela particularidade de nossos encontros. Fernando era humilde sem ser submisso, propondo a tensa condição de reciprocidade que é necessária ao exercício da alteridade. Entendo que foi em função desta sua qualidade *sui generis*, de conviver com as diferenças, vendo-as não como um mal inevitável, mas sobretudo como possibilidade de troca, que dele se aproximaram pessoas de tão distintas referências e interesses.

Convivi com Fernando em seus quinze últimos anos de vida, quando já havia conquistado reconhecimento com sua produção escrita. Tive o privilégio, nesse período, de conhecer alguém raro não só na academia, mas na vida. Alguém que não se acomodou no lugar conquistado. Seguiu inquieto, por vezes irônico, por vezes irreverente, como nota dissonante que causa estranheza e impede que ouvidos cansados já não ouçam melodias por demais conhecidas. Sua postura e suas palavras pediam sempre espaço e escuta. Não podiam passar em branco. Causavam um efeito tardio, como um sabor que exige alguns segundos de degustação até que se perceba sua peculiaridade, para aquele que se permite este privilégio. A estranheza inicial era sucedida pela descoberta de metáforas que denunciavam as incoerências cotidianas que usualmente costumamos abafar.

Entendo que seu estilo de vida, errante e boêmio, ia além de uma modalidade *carpe diem*: era uma proposta de vida que busca construir sentido na diversidade e multiplicidade da experiência subjetiva que tão facilmente se escoa no cotidiano anônimo de uma sociedade regida pelo império da produtividade e da eficiência. Nada mais próprio para aquele que se dispôs a descortinar a complexa estrutura de poder que sustenta a realidade das organizações. Seu discurso dissonante, poético e rebelde punha em xeque a lógica formal que impera num universo pretensamente racional, refratário às inconstâncias e tensões da experiência singular de cada sujeito que os mecanismos da estrutura vigente buscam amortecer.

Sem dúvida, Fernando pagou o preço de suas escolhas, pois nada mais angustiante que estar vivo a cada instante, com os poros abertos para as dissonâncias com as quais nos confrontamos e que, na maioria das vezes, preferimos esquecer, em meio às hipocrisias institucionais que produzimos. Este desafio fez com que o convívio com ele não fosse algo simples, muito menos ameno. Não podia ser diferente. Sua inquietação era uma convocação

para a não acomodação, para a sustentação da dúvida e das incertezas. Seu discurso trazia a rebeldia infantil de anunciar a nudez do rei, aquela que ninguém até então havia tido a ousadia de denunciar.

Há alguns anos, Fernando me perguntou se Freud havia discutido a figura do herói, pergunta que só pude responder após um tempo. Porém, sua busca não parecia ser apenas por uma bibliografia e sua pergunta reverberava. O herói é capaz de realizar o que os demais não conseguiram e, por isso, carrega consigo o desejo de transformação que segue vivo em cada um de nós. Fernando, ao recusar o posto de mestre, acabou se tornando um. Sua inquieta busca expunha a inconformidade que costumamos silenciar. A marginalidade e a irreverência que transparecia, no entanto, fazia sombra à dignidade de sua postura, desde sempre comprometida com o exercício da alteridade. Se foi mestre, é porque teve – e tem – a gratidão daqueles que tiveram o privilégio de nele encontrar a rebeldia sonhada.

Guardo a lembrança de quando vi seu rosto pela última vez, quando já não podia falar. A formalidade e o ar carregado da situação não o impediram de sustentar um sorriso brejeiro, de quem até o último instante subverte a situação e deixa claro que uma vida fora vivida.

São Paulo, 5 de Abril de 2005